

# O CONCEITO DE REPRESENTAÇÃO SOCIAL NAS OBRAS DE DENISE JODELET E SERGE MOSCOVICI

*Rafael Augustus Sêga*

O conceito de “representação social”, da sociologia de Émile Durkheim, havia sido esquecido, mas, de uns tempos para cá, tem sido largamente utilizado nas ciências humanas. O resgate foi feito por Serge Moscovici, em 1961, e busca designar fenômenos múltiplos, observados e estudados em termos de complexidades individuais e coletivas ou psicológicas e sociais. Hoje em dia, o termo representação social saiu da órbita da sociologia para gravitar na da psicologia social.

A representação que um grupo elabora sobre o que deve fazer para criar uma rede de relações entre seus componentes faz com que defina os mesmos objetivos e procedimentos específicos. Descobre-se um primeiro processo de representação social: a elaboração, por uma coletividade, sob indução social, de uma concepção de uma tarefa que não leva em conta a “realidade” do comportamento social, mas a organização do funcionamento cognitivo de grupo.

As representações sociais se apresentam como uma maneira de interpretar e pensar a realidade cotidiana, uma forma de conhecimento da atividade mental desenvolvida pelos indivíduos e pelos grupos para fixar suas posições em relação a situações, eventos, objetos e comunicações que lhes concernem. O social intervém de várias formas: pelo contexto concreto no qual se situam grupos e pessoas, pela comunicação que se estabelece entre eles, pelo quadro de apreensão que fornece sua bagagem cultural, pelos códigos, símbolos, valores e ideologias ligados às posições e vinculações sociais específicas. Em outras palavras, a representação social é um conhecimento prático, que dá sentido aos eventos que nos são normais,

---

**Rafael Augustus Sêga** é professor de História no Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná, Unidade de Pato Branco, e doutorando em História no Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

forja as evidências da nossa realidade consensual e ajuda a construção social da nossa realidade.

A representação é sempre a atribuição da posição que as pessoas ocupam na sociedade, toda representação social é representação de alguma coisa ou de alguém. Ela não é cópia do real, nem cópia do ideal, nem a parte subjetiva do objeto; nem a parte objetiva do sujeito, ela é o processo pelo qual se estabelece a relação entre o mundo e as coisas.

O aspecto da imagem, o lado figurativo da representação, é inseparável de seu aspecto significativo, a estrutura desdobrada de cada representação tem duas faces tão indissociáveis como o verso e o reverso de uma folha de papel: a face figurativa e a face simbólica. Mesmo nas representações sociais mais básicas, é o processo de elaboração cognitiva e simbólica que estabelece os comportamentos. É esse sentido que a noção de representação social inova em relação às outras formas psicológicas, ela relaciona processos simbólicos e procedimentos. Mas pode-se afirmar, a partir disso, que as representações circulam na sociedade e que, assim, elas próprias terão um papel e uma eficácia específica.

Para Denise Jodelet, a representação social tem cinco características fundamentais:

- a) é sempre representação de um objeto;
- b) tem sempre um caráter imagético e a propriedade de deixar intercambiáveis a sensação e a idéia, a percepção e o conceito;
- c) tem um caráter simbólico e significante;
- d) tem um caráter construtivo;
- e) tem um caráter autônomo e criativo.

Os diversos estudos dos fenômenos representativos abordam a dupla questão que é a base da teoria: como o social intervém na elaboração psicológica que constitui a representação social e como essa elaboração psicológica intervém no social?

No caso das relações étnicas, inter-raciais ou intergrupais, como os julgamentos sociais, os exemplos são explícitos quando a tendência é fixar a imagem do outro dentro de um *status* “natural” ou biológico. Essa “biologização” do social transforma as diferenças sociais em diferenças de ser. Isso produz teorias sociais nas quais a história nos ensina tristes lições.

A estabilização do núcleo figurativo, a materialização, a espacialização dos seus elementos lhes conferem o estatuto de ambiência e de instrumento para orientar as percepções e os julgamentos numa realidade socialmente construída. São dados os utensílios para a estabilização, a

*ancoragem*, segundo processo de representação social. Esse segundo processo trata do enraizamento social da representação e de seu objeto. Nesse caso, a intervenção do social se traduz na significação e na utilidade que lhes são conferidas.

A ancoragem comporta, entretanto, um outro aspecto, que diz respeito à integração cognitiva do objeto representado no sistema de pensamento preexistente e às transformações decorrentes.

O sistema de interpretação tem uma função de mediação entre o indivíduo e o seu meio e entre os membros de um mesmo grupo. Capaz de resolver e exprimir problemas comuns, torna-se código, linguagem comum, servindo para classificar os indivíduos e eventos, construir tipos nos quais os outros indivíduos e os outros grupos serão avaliados e posicionados. A representação social se torna um instrumento referencial que permite a comunicação em uma mesma linguagem.

É importante ressaltar as tendências mais recentes de pesquisa sobre a cognição, as imagens e a epistemologia convergem para a formulação de certas imagens e estruturas de pensamento. Para superar as insuficiências dessas teorias inspiradas no behaviorismo, pareceu necessário entender as representações como “teorias implícitas, que dão conta de operações mentais na interação cotidiana com o mundo, e em particular a integração da novidade”.

O contato entre a novidade e o sistema de representação preexistente é a fonte de duas ordens de fenômenos, de alguma maneira em oposição, que dá às representações a dualidade de serem tanto inovadoras como rígidas. Ocorrem conversões de experiências, de percepções que conduzem a uma nova visão.

Os conceitos analíticos abrem inúmeras categorias de linguagem, introduzindo uma outra ordem no ambiente, transformando os instrumentos naturais de compreensão, deixando os anteriores caducos.

Sob um outro ponto de vista, a “familiarização do estranho”, junto à ancoragem, faz com que prevaleçam os meios de pensamento antigos, arrumando os já conhecidos. Essa categoria de pensamento caracteriza-se pela memória e pela predominância de posições estabelecidas, aciona mecanismos gerais como classificação, categorização, denominação e procedimentos de explicação que obedecem a uma lógica específica. Compreender alguma coisa de novo, apropriar-se, é também explicar. O sistema de representação fornece os meios, as balizas pelas quais a ancoragem vai classificar no familiar e explicar de uma maneira familiar.

Isolando os mecanismos sociocognitivos que funcionam no pensa-

mento social, o estatuto das representações sociais oferece uma alternativa excelente para os modelos de cognição social. Seu alcance dentro da psicologia social vai muito além, existem ligações com a linguagem, a ideologia, o universo simbólico e o imaginário social.

Por seu papel na orientação das condutas e práticas sociais, as representações sociais são o objeto de estudo que restitui à disciplina suas dimensões históricas, sociais e culturais. Sua teoria deveria permitir uma aproximação entre a psicologia social e as ciências sociais, buscando unificar uma série de questões situadas entre essas disciplinas.

Para Serge Moscovici, ocorreu uma redescoberta do espírito nos últimos anos. A razão disso reside num problema fundamental da psicologia social, ciência fundada para formular as leis do espírito social. Distinguem-se três fases na evolução dessa disciplina; cada uma caracterizada por um conceito bem definido: as atitudes sociais, as cognições sociais e as representações sociais. Em cada fase foi possível resolver as dificuldades da fase precedente, o que era periférico numa fase tornou-se central na seguinte.

As atitudes são definidas em estruturas cognitivas, estados de espírito voltados para valores e estados de disponibilidade organizados através da experiência. O homem é muito mais uma criatura racionalizante do que racional. Suas mudanças de atitude e cognição refletem seu esforço em alinhá-las em relação a seus comportamentos e seus motivos subjetivos, e não o contrário. Toda vez que surge um conflito entre uma opinião e uma ação, o homem não confia apenas na razão para resolvê-lo. Ele racionaliza para reduzir a tensão entre as duas, e, se o conflito é de origem externa, a tensão é menor.

Quando o cérebro efetua uma análise, nota-se a presença de uma *schemata*. Esses esquemas são como conexões cognoscíveis, organizações mentais que se situam entre a percepção e a memória, que buscam ordenar o fluxo de informações não selecionadas em modelos apropriados. O propósito da *schemata* é remeter para a memória uma situação anterior e sugerir um comportamento conveniente para a situação presente. Ela age de certa forma como modelos ou como rascunhos, o presente copia o passado e, assim, evita a surpresa e seus decorrentes elementos imaginários. Pode-se concluir que procuramos as informações que confirmam nosso ponto de vista e negligenciamos as que possam enfraquecê-lo.

Os resultados das pesquisas em psicologia social mostram que existe uma certa impermeabilidade à informação. As informações são dispersas e se manifestam em diversas circunstâncias. Tanto que os *sábios ingê-*

*nuos*, as pessoas que tendem a resistir aos fatos, não aceitam as teorias implícitas do conhecimento. Eles tendem a excluir certas informações e apegar-se a outras menos importantes. Essas crenças conservam todas as informações que lhes confirmam e se livram de todas as que lhes invalidam.

Cada um de nós vive dentro de um mundo fechado e tenta reproduzir nos outros comportamentos que confirmem as idéias preconcebidas que fazemos deles; na verdade, criamos essas informações. Uma vez que essas informações se manifestem, elas confirmam as coordenadas iniciais do nosso mundo individual e perpetuam-no.

O sábio ingênuo, ao tentar buscar uma explicação para o comportamento de uma pessoa, escolhe entre atribuir a causa do comportamento a suas disposições (caráter, motivos, etc.) ou às circunstâncias. O sábio ingênuo é, então, um mau sábio. Ele é impermeável às informações, limitando-se a confirmar suas próprias teorias no lugar de falsificá-las, explica tudo que observa fundamentando-se em causas pessoais. Ele mantém seus erros sistemáticos porque mudá-los significa perigo à sua lógica pessoal e à sua intuição.

A cognição social estava consagrada ao impasse desde o início, pois se limitava a um só aspecto, a percepção. Ao mesmo tempo, a realidade em questão era considerada como neutra, não social e presumidamente objetiva. Por outro lado, um dos resultados mais chocantes é que tais experiências nos forçaram a reconhecer que a informação advinda do mundo exterior é modelada não pela realidade neutra, mas por teorias e pré-concepções implícitas, e são elas que modelam o mundo pelas pessoas, essa é a conclusão a que chega alguém que trabalha de alguma maneira com as representações sociais. Para Serge Moscovici, não só as nossas imagens do mundo social são um reflexo dos eventos do mundo social, mas os próprios eventos do mundo social podem ser reflexos e produtos de nossas imagens do mundo social.

As representações sociais nascem no curso das variadas transformações que geram novos conteúdos. Durante essas metamorfoses, as coisas não apenas se modificam, são também vistas de um ponto mais claro. As pessoas tornam-se receptivas a manifestações que anteriormente lhes haviam escapado. Todas as coisas que nos tocam no mundo à nossa volta são tanto o efeito de nossas representações como as causas dessas representações.

Os preconceitos são dificilmente dissipados, os estereótipos não são enfraquecidos, pois, para Moscovici, não existe nada na representação que não esteja na realidade, exceto a representação em si.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- JODELET, Denise. Représentation sociale: phénomènes, concept et théorie. In: *Psychologie sociale*. Paris: PUF, 1990.
- MOSCOVICI, Serge. L'ère des représentations sociales. In: *Textes de base en psychologie*. Paris: TDB, 1990.